

**Teoria Socionômica sobre a evolução dos grupos e
eu contraponto no contexto de ensino***
Artigo publicado na Revista Brasileira de Psicodrama, Vol.14 No.2 Ano 2006

Leonídia Alfredo Guimarães **

SINOPSE

Neste artigo é abordado o papel socionômico do professor de psicodrama ao assumir a metodologia sociodinâmica de ensino como comparsa dos processos de evolução da sociabilidade grupal. Mesclando o método sociodinâmico aos tradicionais recursos didáticos-pedagógicos e usando como norte a sua prática didática em Cursos de Formação em Psicodrama, a autora desenvolve e apresenta este modelo de ensino, usado como mediador do processo ensino-aprendizagem.

UNITERMOS

Modelo Sociodinâmico de Ensino e Papel Socionômico do Professor de Psicodrama; Comportamento Evolutivo dos Grupos e Estruturas e Sociodinâmicas Grupais de Isolamento Orgânico, Diferenciação Horizontal e Vertical; Etapas de Evolução da Sociabilidade e Processo de Ensino-Aprendizagem.

Modelo Sociodinâmico de Ensino

Neste artigo me concentro na apresentação de um modelo sociodinâmico de ensino centrado na produção de estímulos psicodramáticos e educacionais, que permitem a evolução da sociabilidade grupal e individual, potencializando as relações de ensino-aprendizagem, dentro de uma abordagem socionômica de desempenho de papéis. Um modelo condizente ao contexto sócio-educacional do Curso de Formação em Psicodrama. Este desenvolvimento metodológico segue a noção de modelo protagônico de ensino associado aos processos criativos gerados pela espontaneidade no desempenho de papéis, destacando-se o grupo e o aluno como co-produtor do processo de construção de conhecimentos. Usamos como referências teóricas a pedagogia proposta por J.L.Moreno, J.G.Rojas Bermúdez e Alicia Romana, que permitem, através do manejo didático-pedagógico e sócio-psicodramático, potencializar o papel do grupo, do aluno e do professor de psicodrama, usando como ponte a assunção do papel socionômico do professor de psicodrama, colocado em prática mediante a integração de papéis professor-psicodramatista.

Ao percorrer as etapas de evolução da sociabilidade grupal, sinalizamos para a importância do caráter vivencial da metodologia socionômica, buscando-se a partir daí, uma possibilidade para a reorganização dos vínculos professor-aluno-instituição, por um lado, e por outro lado, objetivamos oferecer modelo de papéis e oportunidade de treinamento para o desempenho criativo do papel de estudante.

Sintetizamos este formato de ensino ao buscar alternativas para o ensino de disciplinas muito teóricas, como Psicologia Social e Teoria da Comunicação, nas quais o enquadre de Seminários teórico-práticos a cargo dos alunos, gerava muita tensão no campo de aprendizagem, solicitando-

* Trabalho decorrente da Monografia *Papel Socionômico do Professor de Psicodrama-Um resgate do papel socionômico do professor de psicodrama em suas funções didático-pedagógicas e sócioeducacionais*, apresentado no VII Encontro Norte-Nordeste de Psicodrama, Aracajú -SE, 2005. Mesa Redonda: O Psicodrama Sócio-Educacional: Amplitudes de Novas Configurações.

** Psicóloga Clínica Institucional e Psicoterapeuta com formação em Bioenergética e Psicodrama, Psicodramatista Didata e Didata Supervisora pela FEBRAP- Focos Psicoterápico. Docente da ASBAP.

se do professor de psicodrama uma postura mais acadêmica, na medida em que a sobrecarga de conteúdos a serem estudados era grande, provocando questionamentos metodológicos e insatisfações quanto à inexistência de aulas expositivas, por parte do professor. Dessa forma, consideramos necessário preparar o grupo para a assunção da tarefa pedagógica, passando a:

1 - Focar a atenção grupal no processo de contato interpessoal e intragrupo, durante o estágio inicial das estruturas de isolamento orgânico, através de Jogos Dramáticos, que também se mostraram úteis para a elaboração de conflitos sócio-educacionais que interferem no processo ensino-aprendizagem;

2 - Favorecer o aquecimento grupal para a assunção do papel de estudante, percorrendo as etapas de socialização com o role-taking, role-playing e role-creating dos papéis em cena, sugerindo estudos dirigidos em díades, para exposições de pelo menos metade dos assuntos a serem estudados, estimulando dessa forma, a evolução das relações grupais para os estágios de diferenciação horizontal e vertical;

3 - Assumimos, também, fazer aulas teóricas, nos momentos em que as relações grupais assinalam para tal procedimento, especialmente nos estágios de integração peculiares às estruturas de isolamento orgânico, mas que não dependem basicamente do nível de organização grupal para evoluir, e sim da necessidade de maior embasamento teórico e compreensão de conteúdos mais complexos. Nesses momentos a verticalização grupal se dirige para o papel cristalizado de professor, configurando no grupo um tipo de comunicação radiada, em relação a este, destacando-se o professor como líder e detentor do saber instituído.

Fundamentação Teórica

Para iniciar este percurso, buscamos fundamentar o modelo teórico-científico do psicodrama em suas raízes históricas, construídas a partir da fenomenologia da espontaneidade, segundo a qual os processos cognitivos de aquisição intelectual de conceitos, valores e funções simbólicas são conhecimentos que estão integrados à intuição sensível e emocional, conforme destaca Alicia Romana, não aos mecanismos da dinâmica lógico-formal entrelaçada ao método explicativo-causal.

Considerando os suportes teóricos do desempenho sociodinâmico de papéis e de acordo com a Teoria dos Papéis esboçada por J.L. Moreno, o papel socionômico do professor de psicodrama configura-se ao colocarmos em cena o desempenho do papel social cristalizado de professor, articulando-o ao papel de psicodramatista, de forma a integrar os elementos de ambos os papéis de forma espontânea (adequada) e criativa, ou seja, originada nas reservas socioculturais que estruturam o desenvolvimento espontâneo de Papéis e produzem novos arranjos no seu desempenho.

Dessa forma, o professor de psicodrama ao colocar em prática o seu papel de psicodramatista, deve buscar construir uma relação de ensino aprendizagem que leve em conta não apenas o conhecimento teórico da disciplina ou privilegiar apenas a aprendizagem a partir da vivência, mas, sobretudo, abrir espaço didático para a evolução da sociodinâmica específica dos grupos de ensino de Psicodrama, tendo como modelo os estágios evolutivos dos grupos, traçados por J.L. Moreno.

Sabemos que Moreno analisou o nível de evolução das estruturas grupais e individuais, observando diversos grupos etários e aplicando testes Sociométricos.

Através de Sociogramas, obtidos pelo mapeamento gráfico da posição afetiva de cada indivíduo do grupo e suas interações sócio-afetivas, J.L. Moreno pôde chegar a importantes descrições a respeito do comportamento evolutivo dos grupos, deixando-nos vasto material a este respeito que

já foi anteriormente analisado por Knobel e Fleury^{***}.

Cabe destacar que a dupla perspectiva de análise indivíduo-grupo, permite a Moreno, a através do teste Sociométrico, ampliar os seus estudos experimentais e, ao mesmo tempo, dá margem a alguns equívocos, na medida em que os resultados desses estudos se aplicam tanto a grupos quanto ao processo de socialização de indivíduos.

Por exemplo, numa primeira avaliação desses estudos, realizada com grupos de crianças de zero a seis anos de idade, Moreno concluiu que *nesta faixa etária*, existe incapacidade de organização grupal (7, p.109). A partir deste resultado, verificou que para estudar o desenvolvimento afetivo e social seria necessário criar uma situação experimental para observar as tendências de organização grupal em diferentes estágios evolutivos (7, p.110).

Posteriormente, trabalhando com diversos grupos escolares, do Jardim de Infância ao Ensino Fundamental (com idades entre 6-18 anos), Moreno concluiu que o processo de socialização segue em etapas sucessivas e que *todos os grupos passam por estágios de integração semelhantes aos observados nos grupos de bebês: Isolamento Orgânico, Diferenciação Horizontal e Diferenciação Vertical* (7,p.142).

Só então J.L. Moreno passou a generalizar os resultados dos seus estudos com bebês, crianças, adolescentes e adultos, definindo como leis sociométricas que:

a) *os grupos evoluem de estruturas individuais mais simples para estruturas mais complexas, formando díades, triângulos e cadeias, de acordo com os diversos níveis de diferenciação sócio-afetiva* (tendência evolutiva dos grupos, lei sociogenética).

b) *os grupos tendem a passar por estágios de isolamento orgânico; isolamento psicológico, com evolução para a diferenciação horizontal; e dessas interações espontâneas evoluem para a diferenciação vertical, passando a interagir social e afetivamente segundo os seus próprios critérios.*

c) *Os grupos tendem à formação de díades e essas estruturas grupais oferecem maior estabilidade e coesão aos mesmos, favorecendo o processo de organização da sociabilidade grupal e interferindo, conseqüentemente, nos níveis de socialização das estruturas individuais.*

d) *Em decorrência da lei sociogenética os níveis de desenvolvimento e socialização individual interferem diretamente nos processos de organização grupal e na dinâmica dos mesmos, a qual, uma vez estabelecida, exerce forte influência sobre as estruturas individuais.*

Moreno compara a lei Sociogenética à crescente complexidade das formas de organização no reino animal, concluindo que o homem nasce menos preparado para formar sociedades, em comparação com estas.

Por exemplo, no período anterior à socialização o critério de escolha sociométrica do grupo é mais indiferenciado, parecendo motivar-se da espontaneidade de afetos; quanto mais desenvolvidos, em termos etários, os grupos humanos passam a adotar critérios de escolhas cada vez mais diferenciados como afinidade afetiva, interesse sexual ou raça e religião.

Baseados na dupla perspectiva de análise oferecida pelos estudos sociométricos de

J.L. Moreno, destacamos dois pontos básicos:

(1) que as formas de evolução das estruturas grupais seguem estágios de isolamento orgânico, diferenciação horizontal e diferenciação vertical, aspecto já realçado por Knobel e Fleury,

^{***} Refiro-me aqui aos artigos *Estratégias de Direção Grupal*-Knobel, Anna Maria. Revista Brasileira de Psicodrama, V.4, Fasc.I, FEBRAP,SP, 1996; e *A Dinâmica dos Grupos e suas Leis*-Fleury, Heloísa Junqueira-In Grupos -A Proposta do Psicodrama, Organizado por Wilson Castelo de Almeida, Agora, SP,1999.

destacando-se, entretanto, que tais estágios de integração referem-se especificamente aos estudos de grupos; e que

(2) durante esses estágios evolutivos os grupos passam por quatro etapas de organização da sociabilidade individual e grupal, descritos por Moreno como: pré-socialização (fase amorfa ou de indiferenciação para contato grupal), primeira socialização (interação em díades), segunda socialização (fracionamento e organização de subgrupos) e Socialização (integração grupal e sócio-afetiva).

Dessa forma, compreendemos os estágios evolutivos dos grupos em termos de estruturas grupais que se apresentam a cada etapa de integração e organização da sociabilidade grupal e individual, independentemente do amadurecimento biológico do indivíduo e/ou do grupo, e não consideramos pertinente estabelecer nenhuma articulação teórica entre estes estágios de integração grupal e o desenvolvimento da Matriz de Identidade do Desenvolvimento Infantil.

Seguindo este tipo de abordagem, podemos formular os conceitos de estruturas grupais de acordo com as próprias características dos *estágios de integração grupal* descritos por J.L. Moreno (7, p.110-111):

(1) A Estrutura de Isolamento Orgânico consiste num conjunto de indivíduos isolados e voltados para si mesmo, apresentando incapacidade de organização grupal (7, p.109).

(2) A Estrutura de Diferenciação Horizontal se apresenta quando o grupo começa a interagir, inicialmente por proximidade física, mantendo inicialmente isolamento psicológico e começando, aos poucos, a fazer contatos em díades.

(3) Na Estrutura de Diferenciação Vertical um conjunto de indivíduos começa a formar díades e subgrupos, movendo-se pela atenção voluntária em relação aos componentes que se destacam do conjunto e interagindo de forma a incluir suas emoções e preferências, uniformizando um campo grupal que se destaca pelo fracionamento em subgrupos, e emergindo a partir daí as diferentes lideranças, características sócio-culturais e diferentes papéis assumidos pelos membros do grupo.

Partindo dessas formas de organização grupal, podemos assinalar os diferentes estágios de integração dos grupos em termos sociodinâmicos. Segundo Moreno a Sociodinâmica é a *ciência da estrutura dos grupos sociais, isolados ou unidos* (8,p.39). Apropriando-nos desta definição, podemos dizer que a Sociodinâmica, também chamada de Sociometria Dinâmica, é o ramo da Socionomia que estuda a organização e a evolução dos grupos, através da interpretação de papéis. Portanto o Role-Playing aí se insere como técnica específica que permite trabalhar a sociodinâmica dos papéis e estrutura as leis e a dinâmica do grupo, como já destacou Heloísa Fleury, em artigo citado anteriormente.

Baseada nesses estudos pode-se articular a sociodinâmica de evolução dos grupos sociais, conforme se vê a seguir:

A) A sociodinâmica da estrutura grupal de isolamento orgânico mostra-se socialmente indiferenciada para interagir e participar na constituição de grupos; sendo precursora do isolamento social, indica isolamento sócio-afetivo e incapacidade de organização grupal.

B) A sociodinâmica da estrutura de diferenciação horizontal passa pelo isolamento psicológico resultando em contatos mais superficiais e passageiros; embora socialmente menos indiferenciada para o contato e as escolhas sociométricas, exige o reconhecimento de outros para estabelecer relações em díades. Estabelecida esta dinâmica relacional o grupo se fortalece e evolui para a uniformidade e coesão criando uma identidade grupal.

C) A sociodinâmica da estrutura grupal de diferenciação vertical passa pela diferenciação de afetos e pela diferenciação sócio-cultural, levando o grupo da uniformidade ao fracionamento. É marcada pelo destaque de alguns membros que quebram a uniformidade do grupo, organizando

lideranças, passando a constituir uma cúpula e uma base (7, p.110).

Dessa forma, a sociodinâmica de verticalização inclui duas etapas de integração grupal: uma que leva à identificação de classes sociais, papéis, interesses e afetos; e outra que leva ao fracionamento grupal, com a formação de lideranças capazes de levar o grupo ao processo final de socialização, formando de redes sociométricas.

Processo de Ensino-Aprendizagem

Quanto às etapas de organização da sociabilidade individual e grupal, destacamos como aspectos básicos seguinte:

Na etapa Pré-socialização (falando-se em termos de evolução grupal) ainda não existe o sentimento e a consciência de grupo, necessita-se então de uma liderança mais diretiva, focada nos processos grupais, para envolver o grupo em torno de um objetivo comum, dado ao estado de desorganização grupal para o desempenho de uma tarefa, seja ela apenas pedagógica, sócio-educacional ou psicoterapêutica.

Dessa forma convém ao professor de psicodrama jogar não apenas o seu papel de psicodramatista, mas começar desempenhando o papel social cristalizado de professor, dentro dos moldes estabelecidos pela cultura, expondo o programa, introduzindo os principais pontos teóricos e articulando a designação de tarefas relativas ao papel do aluno. Nesta etapa inicial são bem-vindos os jogos dramáticos que possam ir viabilizando o conhecimento interpessoal, o encontro em díades, o reconhecimento de outros papéis sociais que muitas vezes são desconhecidos pelo grupo, como estado civil, local de trabalho, residência, práticas e ideologias políticas, sócio-culturais e religiosas.

Esta primeira etapa de desorganização grupal pode evoluir para os estágios seguintes de integração da sociabilidade, marcadas pela diferenciação horizontal e vertical. Podendo ocorrer, também, a estagnação do grupo neste estágio, caso não seja trabalhada a sociodinâmica interna de isolamento orgânico. Muitos grupos convivem como eternos desconhecidos, em função do embotamento das relações interpessoais por falta de conhecimento do outro, em seus aspectos pessoais. Nesta via se inclui as dinâmicas de isolamento social e as correntes de opinião geradas pelos detentores do poder e/ou lideranças que vão se firmando pelo “disse-me-disse”, enraizado em preconceitos sociais que barram o encontro legitimado “ao vivo e a cores”.

A 2ª. Etapa de Organização da Sociabilidade, chamada por Moreno de Primeira Socialização, caracteriza-se pela concentração do grupo em torno de um objetivo comum, o reconhecimento de outros membros como parceiros e o estabelecimento de interações, mais freqüentes entre díades, que vão se formando por afinidades e interesses comuns, passando a partilhar cadeiras vizinhas, não mais “ao acaso”, mas por escolha legitimada por mutualidades positivas.

Esta etapa também é propícia ao jogo lúdico de desempenho de papéis fictícios, que estimulam a criação de personagens que geralmente coincidem com situações vivenciadas pelos alunos no contexto institucional, podendo favorecer na resolução de conflitos sócio-educacionais encobertos (ou declarados anterior e/ou posteriormente).

Quando o contexto predispõe ao jogo, viabiliza-se o desempenho desses papéis fictícios, deixando-se emergir a linguagem e o jogo como organizadores da sociabilidade. Pode-se, assim, ir fortalecendo o desenvolvimento da espontaneidade e criatividade do grupo, através produção de Cenas que retratam contextos institucionais, deixando-se penetrar o contexto social (no Cenário) em busca das inversões de papéis. A partir dessas improvisações espontâneas, o aluno pode passar a elaborar espontaneamente determinadas situações vividas no contexto sócioeducacional. E pode-se passar do comportamento queixoso para uma noção de compromisso pessoal com os vínculos grupais e institucionais, que por sua vez, não se constituem em Sociodrama; revela-se apenas, como processo sócio-educacional que envolve a

instituição e o grupo como um todo dinâmico, integrado às suas próprias normas.

Voltando às etapas de evolução dos grupos, baseada nos estudos sociométricos de J.L. Moreno, a existência de várias estruturas sociométricas em díades irá favorecer o reconhecimento de outros semelhantes e diferentes, possibilitando a evolução das estruturas grupais para a uniformidade e coesão e também para enfrentar o fracionamento do grupo em subgrupos, na 3ª. etapa de socialização, chamada por Moreno de **Segunda Socialização**.

O professor de psicodrama poderá, então, favorecer o fortalecimento da sociodinâmica grupal de Diferenciação Horizontal, colocando-se em posição mais passiva e deixando a cargo do grupo a apresentação de temas em estudo (de acordo com o anteriormente contratado), usando este momento de Segunda Socialização para o Role-taking (do papel de professor) e o Role-playing (do papel de aluno-estudante).

Por lado, favorecem-se o destaque de diferentes lideranças, baseadas no próprio desempenho acadêmico das díades formadas, que irão sustentar a estrutura de Diferenciação Vertical em seu momento final de fracionamento. Nesse estágio de integração grupal (Diferenciação Vertical), ocorre o fracionamento do grupo em subgrupos (3ª. Etapa de evolução da sociabilidade).

Ao passar pelo fenômeno de fracionamento, a sociodinâmica grupal fica marcada pelo sentimento de pertinência, de acordo com algum critério sócio-cultural, diferenciando escolhas por desempenho, afinidades profissionais e sócio-culturais como raça, sexo, religião ou classe social (7, p.148-149).

Dessa forma, as relações evoluem tanto para a afetividade e amizade, quanto para as diferenças e antagonismos, evidenciando os conflitos relacionais. Se o grupo não houver evoluído para a cooperação em díades (2ª. etapa de socialização) e para a emergência de lideranças, na 3ª. etapa de socialização, de acordo com os estudos de Knobel (aqui corroborados), a sua estabilidade estará ameaçada, dado ao enfraquecimento da tele grupal disponível nesses relacionamentos de conflito.

Estabelecida a sociodinâmica de diferenciação vertical, o grupo evolui para a etapa de Socialização (4ª. Etapa), fechando um círculo que voltará a se dispersar, desorganizar e reorganizar a partir de cada nova situação que for passando a fazer parte da sociodinâmica grupal, daí a necessidade de dar-se atenção contínua aos processos de evolução grupal durante todo o percurso de formação do psicodramatista.

A etapa de Socialização, de acordo com os estudos sociológicos, é de caráter indefinido, uma vez que o processo de socialização continua a desenvolver-se por toda a vida. Entretanto, no que diz respeito às regras, normas e valores grupais que vão sendo internalizados ao longo do processo e que favorecem a cristalização dos papéis desempenhados pelo grupo, consegue-se certa estabilidade, em troca de novos arranjos sociodinâmicos.

Ainda de acordo com Knobel, realçamos que as características das estruturas grupais (atrações, rechaços, indiferenças, lideranças, status sociométrico, estruturas tele) irão estabelecer a Lei Sociodinâmica do grupo em termos de desempenho de papéis no grupo. Podemos identificar durante as nossas atividades didáticas que estes papéis trazem as marcas pessoais de cada componente, entrelaçando o contexto social ao contexto grupal e produzindo seus reflexos individuais em formas fixadas: o queixoso, o irreverente, o questionador, o atrapalhado, o estudioso, o pragmático, o conciliador e outros.

Para atingir este nível de diferenciação e organização sócio-afetiva, o grupo pode voltar a experimentar as estruturas grupais de isolamento orgânico, diferenciação horizontal e diferenciação vertical. A diferença é que ao atingir o estágio de verticalização já existem lideranças no grupo capazes de lidar com a força dos isolados de forma a absorvê-los ou excluí-los, fenômeno que é chamado por Moreno de efeito sociodinâmico (2, pp.51-53).

Por certo, na nossa prática sócio-educacional encontraremos grupos mais ou menos estruturados,

organizados e sociabilizados. Mesmo nos grupos mais favorecidos, consideramos que a simples presença de uma nova tarefa e/ou de um líder instituído, socialmente imposto, bem como a emergência de novos papéis a serem desenvolvidos, exige uma re-socialização e reorganização da sociabilidade individual e grupal, com reflexos na evolução da vida em grupo.

Em termos de aprendizagem, aspectos como conhecimento anterior do conteúdo programático, bibliografia a ser estudada, idioma, características pessoais dos professores, formações específicas, maneiras de relacionar-se e reações ao desconhecido, podem adquirir uma enorme importância, sugerir um novo começo ou levar a uma nova ordem coletiva, exigindo do professor de psicodrama o manejo sócio-psicodramático dos processos grupais.

Por isto, além da preocupação com os processos grupais, a ciência sicionômica realça a importância de observarem-se os fenômenos que se apresentam dentro de contexto histórico no qual ocorrem, propondo como método uma ação psicodramática e sociodinâmica, que encaminhe os grupos humanos para uma mudança social.

Assim sendo, a adequação funcional do papel de psicodramatista aos diversos contextos, estimula a espontaneidade no desempenho de papéis e a diferenciação das relações sócio-afetivas (tele). Tratando-se do contexto de ensino, por exemplo, o professor de psicodrama poderá centralizar suas ações nas:

(1) Relações aluno-professor: construindo uma relação de ensino-aprendizagem que estimule a espontaneidade-criatividade do aluno;

(2) Relações aluno-instituição: considerando o sistema educacional como parte do contexto social inserido no grupo;

(3) Relações aluno-grupo: percorrendo as etapas do processo de integração, socialização e identidade grupal, visando produzir conhecimentos através da vivência de desempenho de papéis.

Dessa forma, criamos um contexto de ensino mais propício ao crescimento evolutivo dos grupos de ensino, mesclando o enfoque acadêmico ao enfoque sociodinâmico de interpretação de papéis, passando a estimular o processo evolutivo dos grupos. Este **modelo sociodinâmico de ensino** percorre os três estágios de integração grupal descritos por J.L. Moreno (isolamento orgânico, diferenciação horizontal e vertical), considerando-se no olhar aqui exposto, as etapas de evolução da sociabilidade individual e grupal, bem como o desempenho sicionômico do papel do professor de psicodrama.

A exigüidade deste modelo de ensino depende da adoção equilibrada de dois modelos de direção destacados por Knobel, ou seja, a direção centrada no grupo e na espontaneidade-criatividade. Como método, associamos sociodinâmica de desempenho de papéis professor-aluno articulada ao do conteúdo programático das disciplinas e ao uso da metodologia psicodramática para favorecer o processo de integração grupal e a assunção da tarefa pedagógica, conforme se vê a seguir:

a) Adoção do enfoque acadêmico, com diversificação de recursos didático-pedagógicos convencionais como a produção de textos teóricos, aulas expositivas e recursos audiovisuais que podem incluir desde transparências a filmes, vídeos ou contos e histórias usadas como metáforas;

b) Adoção do enfoque sociodinâmico de interpretação de papéis (Role-Taking, Role-Playing e Role-Creating) e de evolução das estruturas grupais de Isolamento Orgânico, Diferenciação Horizontal e Diferenciação Vertical;

c) Adoção da metodologia sicionômica adaptada aos Jogos Dramáticos e Improvisações Espontâneas, de forma a permitir o acompanhamento da sociodinâmica grupal em seus processos evolutivos de socialização e desempenho de papéis.

Tal enfoque nos coloca diante de aspectos cognitivos e sócio-afetivos (relações tele) que trazem

como subprodutos de aprendizagem não apenas conhecimento dos conteúdos teóricos da Disciplina, conduzindo ao adestramento espontâneo de papéis, à socialização e ao fortalecimento de uma identidade grupal comprometida com o processo de co-construção teórica desse conhecimento.

Aspectos Metodológicos Específicos

Na linguagem de Moreno, para fazer psicodrama é preciso *passar para fora o que está dentro*. Por este motivo, no método sociodinâmico de ensino é importante observarem-se a aparência externa de cada fenômeno ocorrido durante o processo ensino-aprendizagem. Para tanto, utiliza-se como enquadre o desenvolvimento padrão de uma Sessão de Psicodrama, realçando-se os seguintes aspectos metodológicos:

1 - Noção de Apriorismo e Aquecimento Preparatório: É necessário criar recursos e formas de acesso ao desempenho espontâneo de papéis, levando-se em conta o próprio grupo e os indivíduos como iniciadores do processo, dessa forma, qualquer indício de desconforto neurovegetativo que provenha da percepção ou sensibilidade cenestésica como fome, sede, fadiga, agitação ou sonolência, indisposição e outras sensações confusas de mal-estar, merecem atenção e precisam ser trabalhadas no contexto dramático através de trabalho corporal, utilização de músicas ou exercícios físicos de relaxamento ou energização, de forma a preparar o organismo para vencer as barreiras internas de conexão ao ambiente. Podemos também usar essa etapa da sessão para acessar idéias e pensamentos abstratos de forma lúdica ou através da Construção de Imagens.

2 - Importância da Dramatização como Evidência Histórica: A vivência de Jogos Dramáticos, Improvisações espontâneas ou das Imagens Mentais, integra-se ao pensamento lógico, intelectual e sensível e, dessa forma, nos assegura uma evidência objetiva dos pensamentos abstratos, viabilizando a consciência intersubjetiva de conteúdos que passam a integrar-se à realidade, como conhecimento. Essa dialética entre a realidade objetiva e subjetiva compõe uma teia de interseções dinâmicas da situação dramatizada, levando o grupo a uma compreensão cognitiva, intelectual e sensível que se insere como evidência histórica da qual não se tem nenhuma dúvida.

3 - Significação do Objeto à Consciência: Essas Imagens mentais ou ações espontâneas partem do próprio protagonista, na condição de aprendiz, ou do professor, na condição de produtor de conhecimentos vivenciais, passando a designar os significados de conceitos teóricos ou da vivência psicodramática, a qual se torna acessível e transparente a todo o grupo, integrando-se ao contexto histórico como uma compreensão intersubjetiva. Isto permite acessar a espontaneidade como fenômeno criativo, entrelaçando simbólico e imaginário, realidade interna e realidade externa.

4 - Respeito à Realidade Subjetiva: Como a concretização é simbólica, a ação dramática ou Imagem pode ser real ou apenas imaginária. O resultado dessas articulações simbólicas é então transposto à realidade natural da vida e fatos, preservando-se apenas o sentido da vivência, para buscar o conhecimento, o que possibilita a generalização deste, conforme refere Romã. Esta possibilidade de transcender a experiência e generalizar o conhecimento obtido na vivência irá depender do quantum de realidade que foi mesclada à fantasia, daí a importância de usarmos a inversão de papéis, em seu sentido mais amplo, não apenas genérico, durante o processo ensino-aprendizagem, deixando que o próprio aluno vá construindo seu próprio conhecimento através das descobertas, sem assumir o papel de detentor de um saber enxertado, expresso apenas com palavras que, embora provoquem impacto, podem ser esquecidas com o tempo, ou generalizadas de maneira inadequada, dado à descontextualização processual.

5 - Importância do Compartilhamento: J.L. Moreno nos chama a atenção para a importância da comunicação autêntica, espontânea e calorosa com o grupo e as pessoas que deste fazem parte. Tal atitude favorece um melhor discernimento para o desenvolvimento e desempenho de papéis, organizando as estruturas tele e configurando encontros e desencontros como ocorrências

naturais, que podem ser confirmadas ou não. Dessa forma, a etapa de compartilhamento da Sessão de Psicodrama Pedagógico é usada, também, como momento que proporciona o encontro sociométrico do grupo, estimulando-se a colocação de outros olhares, visões e percepção da temática trabalhada com o grupo, favorecendo a inserção de membros isolados e a integração final de conteúdos. Algumas vezes o processo de integração final (Catarse de Integração de Conteúdos) ocorre após a aula e é trazido na aula seguinte, tal como ocorre no processo psicoterápico, principalmente quando usamos técnicas ativas como a dramatização e outras técnicas do teatro espontâneo, como o Jornal Vivo.

Ao trabalharmos com a técnica de Construção de Imagens, usando o raciocínio abstrato (imagem mental) e o pensamento simbólico (imagem simbólica), é possível chegar-se à significação do objeto à consciência, de forma mais imediata. Dessa forma, podemos acessar conteúdos imaginários e simbólicos, para desenvolver o pensamento lógico, incluindo corpo-palavra-ação e delimitando espaço-forma-conteúdo para chegar-se à significação do objeto e integração do conhecimento (7,p.4). Quando usamos a técnica de Imagens, seguindo o procedimento de Bermúdez (21, p.135-142), observamos os mesmos fenômenos anteriormente colocados, quanto :

- 1-Ao aquecimento preparatório
- 2-Significação do objeto à consciência
- 3-Evidência Objetiva dos fatos (Consciência intersubjetiva)
- 4-Integração de Conteúdos
- 5-Absorção e Generalização do Conhecimento.

Ilustração de Caso

A título de ilustração metodológica, relatamos o recorte de uma vivência sócio-educacional realizada com alunos no Curso de Formação em Psicodrama da ASBAP, durante o ensino da Disciplina Psicologia Social, na qual tínhamos como objetivo estudar conceitos, métodos e técnicas da Psicologia Social, especialmente no que se refere aos processos grupais e coletivos de socialização. A Carga Horária estabelecida era de 12 horas/aula, distribuídas em seis aulas com duração de duas horas e intervalos semanais. A metodologia adotada era de Seminários Teórico-Práticos, ficando o grupo encarregado de ler uma Bibliografia Básica, composta por cinco livros, para discussão durante os Seminários.

Ao primeiro contato com o grupo, apresentamos o Programa da Disciplina e, dado ao estado de desorganização grupal, buscamos concentrar o estudo de pelo menos três livros, numa única temática (3º. Tema). Assumimos apresentar os demais temas e propomos ao grupo assumir a apresentação deste 3ª. Tema segundo a perspectiva de três diferentes autores. Sugerimos, também, que formassem três díades para estudar o assunto e apresentar durante o Seminário da 3ª. Aula escalona para o grupo.

Durante o processo, os conteúdos da disciplina foram sintetizados em seis temáticas, de acordo com o Programa, e seqüenciados de forma a acompanhar a sociodinâmica emergente, a partir da 1ª. Aula:

- 1-Teorias em Psicologia Social e Papéis Sociais.
- 2-Processos de Socialização e Conflito de Papéis.
- 3-Grupos Sociais. Processo de Influência Social. Motivação e Percepção Social.
- 4-Comunicação e Atitudes.
- 5-Estrutura e Dinâmica de Grupo.
- 6-Evolução da sociabilidade e estágios de evolução dos grupos, segundo J.L.Moreno.

BIBLIOGRAFIA

1. BALLY, Gustav- El Juego como Expressión de Libertad, Fondo de Cultura Económica, 2ª. Edição, Buenos Aires, 1964
2. BUSTOS, Manoel Dalmiro– Novas Cenas para o Psicodrama- O Teste da Mirada e Outros Testes, Agora, São Paulo: 1999
- FONSECA, José de Souza Filho- Ainda sobre a Matriz de Identidade. Revista Brasileira de Psicodrama, FEBRAP, São Paulo, 1996
- FROMM, Erick- O Conceito Marxista do Homem, 7ª. Edição, Zahar, Rio de Janeiro, 1979
- FLEURY, Heloísa Junqueira-A Dinâmica do Grupo e suas Leis. GRUPOS-A Proposta do Psicodrama, Org. Wilson Castelo de Almeida, Agora, São Paulo: 1999
- GIDDENS, Anthony- Política, Sociologia e Teoria Social, UNESP, São Paulo, 1998
- GUIMARÃES, Leonídia A.-A Construção de cenas através da Forma e a Emergência de Conteúdos escritos psicodramático, apresentado no II Encontro Regional de Psicodrama Norte-Nordeste, Salvador, 1994
- GUIMARÃES, Leonídia A.-Fundamentação Filosófica do Psicodrama e a Prática Psicodramática. Estudo monográfico. Seminários de filosofia, ASBAP, Salvador: 1991
9. GUIMARÃES, Leonídia A.-Reflexões sobre os restos de uma relação de ensino-aprendizagem. Relatório de Atividade Didática, não publicado, 1998
10. GUIMARÃES, Leonídia A.-Psicodramas Públicos e Limites Éticos. Revista Brasileira de Psicodrama, Vol.10, No.1, pp. 83-96, FEBRAP, São Paulo, 2002
- GUIMARÃES, Leonídia A.-Papel Socionômico do Professor de Psicodrama-Um resgate do papel socionômico do professor de psicodrama em suas funções didático-pedagógicas e sócio-educacionais. Monografia de professora-supervisora, ASBAP, Salvador: 2004
- KOUKMAN, Arthur- Teatro Pedagógico, Ágora, São Paulo, 1992
- KNOBEL, Anna Maria Abreu Costa –Estratégias de Direção grupal. Revista Brasileira de Psicodrama, v.4, fasc. 1, pp.49-62, São Paulo:1996
- JOHNSON, Allan G.- Dicionário de Sociologia, Zahar, Rio de Janeiro, 1997
15. MOTTA, J.(Org.) - O Jogo no Psicodrama, Ágora, São Paulo, 1995
16. MONTEIRO, Regina F.- Jogos Dramáticos, 3ª.edição, Agora, São Paulo, 1994
17. MORENO, Jacob Levy- Psicodrama, 2ª. Edição em português, Cultrix, São Paulo: 1978
- MORENO, Jacob Levy-Quem Sobreviverá – Fundamentos de la Sociometria, Ed. Espanhola, Paidós, Buenos Aires:1959
- MORENO, Jacob Levy – Psicoterapia de Grupo e Psicodrama, Mestre Jou, São Paulo, 1974
- NAFFAH, Antonio Neto- Psicodrama:Descolonizando o Imaginário, Plexus, São Paulo, 1997
21. ROJAS-BERMÚDEZ, Jaime Guillermo – Teoría y Técnica Psicodramáticas, Paidós, Barcelona:1997
22. ROMANA, Maria Alícia – A Construção do Conhecimento através do Psicodrama, Papyrus, São Paulo,
23. VYGOSTSKY, Lev Semyonovich- A Formação Social da Mente, Martins Fontes, São Paulo:1984.

Leonídia Alfredo Guimarães
E-mail: leonidiaguimas@yahoo.com.br